

Ensino Individual e Coletivo de Piano

Rosângela Fernandes

Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES)

fernandes_rosangela@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo apresenta reflexões sobre o ensino individual e coletivo de piano. Busca identificar as vantagens e desvantagens, os objetivos e os contextos adequados à utilização das práticas mencionadas. A metodologia utilizada se constituiu de pesquisa bibliográfica de autores que se dedicaram ao ensino coletivo de piano e na pesquisa qualitativa por meio de entrevistas com quatro professores, com o objetivo de trazer, a partir dos relatos dos entrevistados, as estratégias utilizadas, os espaços adequados e as finalidades das duas modalidades de ensino. Buscou-se conhecer os motivos pelos quais professores de instrumento trabalham com o ensino coletivo, assim como, aqueles que optam por permanecerem com o ensino individual.

Palavras chave: Ensino coletivo de piano. Ensino individual de piano. Educação musical - FAMES.

The dichotomy: Individual and Group Piano Teaching

Abstract: This article presents thoughts on individual and group piano teaching. It aims to identify advantages and disadvantages, objectives, and adequate contexts for the use of such practices. The methodology used was literature review of authors who dedicated their work to group piano teaching, and qualitative research. Interviews with four professors were conducted, in order to find out from their reports, strategies utilized, appropriate settings, and goals for the two teaching modalities. It was intended to identify the reasons that motivate professors and music educators who work with group teaching, as well as those who opt to remain with individual teaching.

Key words: Group piano teaching. Individual piano teaching. Musical education – FAMES.

Introdução

A prática como professora de Instrumento Harmônico/Teclado, disciplina obrigatória do Curso de Licenciatura em Música da Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES), habilitação em Educação Musical, trouxe experiências de ensino cujo procedimento padrão era trabalhar com aulas individuais de piano, com repertório essencialmente erudito. Entretanto, observações de práticas pedagógicas alternativas ao

ensino tradicional acarretaram na adoção do procedimento de aulas coletivas de piano, há pelo menos seis anos. Além disso, os novos cenários no campo da educação refletem e direcionam no sentido da aplicação do ensino musical na educação de massa.

O ensino individual de piano ainda é amplamente utilizado nas Escolas de Música e Conservatórios do País. Este modelo, oriundo da Europa, predominou desde o Período Colonial até meados do século XIX. Apesar de muito praticado nos dias de hoje, tem sido ampliado, modificado e revisto, pois os interesses e perfis dos alunos são diferentes, relata Scarambone (2009, p. 5). De acordo com Tourinho (2007, p. 1) “[...] o mito da atenção exclusiva é bastante forte no ensino tutorial”, e o professor de ensino individual defende a atenção exclusiva como única forma de conseguir um resultado efetivo.

São inegáveis as importantes colaborações que essas concepções e metodologias de ensino trouxeram para a formação do instrumentista. Um dos principais objetivos nesse tipo de ensino é o virtuosismo, que exige do aluno muitas horas de estudo diário. Os currículos adotados, normalmente, são padronizados com algumas adaptações e as disciplinas teóricas e práticas completam a formação musical. Ao concluir o seu curso, além da certificação de conclusão de curso, o aluno adquire status e prestígio, situando-se em um nível superior com relação aos alunos dos professores particulares de piano.

Para este trabalho, buscou-se identificar a existência do ensino individual e coletivo de piano e compreender essas práticas de ensino e aprendizagem sendo. A partir dos dados coletados, é possível conhecer as vantagens e desvantagens dessas duas modalidades de ensino.

A metodologia da pesquisa consiste em dois eixos. O primeiro é baseado numa pesquisa bibliográfica com o propósito de dar sustentação teórica focando o ensino coletivo de piano com base nas obras de Tourinho (2007), Cruvinel (2003), entre outros.

O segundo eixo metodológico foi uma pesquisa de campo, com formato de investigação qualitativa, que se constituiu de entrevistas com o objetivo de trazer, a partir dos relatos dos entrevistados, alguns aspectos inerentes à docência, dando ênfase às seguintes práticas metodológicas adotadas: o ensino individual, ainda amplamente utilizado nos cursos livres e nos cursos de Bacharelado, e o coletivo como componente curricular nos

cursos de Licenciatura em Música, ou como Instrumento Complementar nos cursos de Bacharelado.

A utilização de entrevistas como metodologia de pesquisa encontra respaldo teórico para sua validade, conforme afirma Alberti (2004, p. 22): “[...] a experiência histórica do entrevistado torna o passado mais concreto, sendo, por isso, atraente na divulgação do conhecimento.” No caso presente, com os resultados provenientes dos relatos dos (as) entrevistados (as), podem-se observar aspectos relacionados às diversas questões que compõem a atividade docente. Para este, trabalho será dado ênfase às práticas desses dois modelos de ensino.

A história oral é defendida por Thompson (1992) como método de investigação, incorporando novas perspectivas e revelando novos campos de pesquisa. Ou seja,

[...] no sentido mais geral, uma vez que a experiência de vida das pessoas de todo tipo possa ser utilizada como matéria-prima, a história ganha nova dimensão, a história oral oferece, quanto a sua natureza, uma fonte bastante semelhante à autobiografia publicada, mas de muito maior alcance (THOMPSON, 1992, p. 25).

Segundo Thompson (1992, p. 1); “[...] a história oral é tão antiga quanto a própria história e o uso de entrevistas é compatível com os padrões acadêmicos, podendo ser utilizada com outras fontes tradicionais”.

Para a pesquisa com a técnica descrita anteriormente foram selecionados quatro professores, sendo que destes, três atuam na FAMES: Anny Cabral Coutinho, Isa Boechat, Nelson Gonçalves Pereira Filho, por reconhecer que os entrevistados tiveram importante participação na história da Faculdade, cujas experiências revelaram dados para reflexão e análise a respeito da prática do ensino individual de piano em uma instituição formal; e a professora Mirna Azevedo.

A seleção dos entrevistados teve o propósito de avaliar os diferentes métodos pedagógicos experimentados por eles. As entrevistas foram realizadas por meio de encontros e os dados foram complementados por e-mail e telefone.

O critério de escolha foi baseado na representatividade de duas categorias, ou seja, duas participantes representando o ensino individual de piano, voltado para a performance, tendendo para o modelo conservatorial de ensino, ainda amplamente utilizado nos cursos de Bacharelado; e dois dos entrevistados representando o modelo de ensino coletivo, adotado em diversas instituições de Ensino Superior, conforme já mencionado, geralmente como disciplina obrigatória nos cursos de Licenciatura em Música.

O binômio individual e coletivo

O debate ou a discussão entre o individual e o coletivo é antigo. Na tragédia grega esse binômio individual-coletivo é interpretado pelas figuras dos deuses Apolo, que representa a individuação do sujeito na criação do performer, e o deus Dionísio, que diz respeito à coletividade. O primeiro causa o efeito apolíneo, simbolizando o instrumentista solista. Para Nietzsche (2007, p. 35), “[...] onde quer que deparemos com o ingênuo na arte, cumpre-nos reconhecer o supremo efeito da cultura apolínea: a qual precisa sempre derrubar primeiro um reino de Titãs, matar monstros [...]”.

O ‘derrubar um reino de Titãs, matar monstros’, representa os desafios que o solista precisa enfrentar para vencer a inibição, o medo do palco, a busca da perfeição, do virtuosismo, o reconhecimento do seu talento e da sua competência musical. Segundo Travassos (1999, p. 131), “[...] aparece o medo de errar - dramático para solistas da música de concerto -, de não estar à altura de suas ambições”. Tal fato pode levar o aluno a se sentir desmotivado, inibido, sem desenvoltura para se apresentar publicamente, mudar de curso ou interromper seus estudos. Embora o pianista possa atuar em diversos contextos, a sua formação valoriza o repertório solista.

O ensino coletivo de instrumento tem sido tema de debate em congressos, simpósios, palestras e objeto de pesquisa de vários educadores musicais brasileiros. Renomados pesquisadores e professores de nível nacional, como Alda Oliveira e Diana Santiago (Universidade Federal da Bahia - UFBA), Cristina Tourinho (UFBA), Flávia Cruvinel (Universidade Federal de Goiás - UFG), Maria Isabel Montandon (Universidade de Brasília -

UnB), Josélia Ramalho Vieira (Universidade Federal da Paraíba - UFPB), Maria de Lourdes Junqueira (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ), Abel Moraes (Universidade Federal de São João del-Rei - UFSJ) e Sônia Ray (Universidade Federal de Goiás - UFG) defendem a prática do ensino coletivo e a aplicam em suas respectivas áreas de atuação.

Essa prática vem sendo adotada há anos como uma metodologia eficiente, não somente para iniciação ao instrumento, mas também para o nível intermediário. Essa modalidade de ensino é bastante praticada, principalmente em instrumentos de orquestra e de bandas.

Por outro lado, a maioria dos professores que vem de uma formação conservatorial, também denominada de modelo tutorial de ensino, se baseiam neste modelo prevalecendo a crença da atenção exclusiva para se atingir resultados satisfatórios. Segundo Tourinho (2007, p. 1), “[...] pode-se considerar ainda natural a descrença na efetividade do ensino coletivo”.

Professores adotam o ensino coletivo por diferentes motivos e objetivos. Através de pesquisa realizada com autores da área e a partir dos textos dos Anais do I e II Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ENECIM), Cruvinel (2003) identificou algumas razões e objetivos que justificam a prática do Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ECIM), considerando, neste caso, outros instrumentos além do piano: iniciação musical, desenvolvimento técnico-instrumental, lucro, o professor pode atender vários alunos no mesmo horário e a democratização do acesso ao ensino musical. Em favor do ensino coletivo pode-se argumentar que o aprendizado se dá, também, pela observação e interação com outras pessoas e que é possível compartilhar conhecimento, espaço e trabalhar com as diferenças. Outros aspectos favoráveis são citados por Cruvinel (2003): aprender por imitação (porque observam o colega tocar), melhorar a concentração, a memória, evitar a inibição (já que os colegas o veem tocar), etc.

Apresentação dos professores entrevistados

Anny Cabral Coutinho

Formada pela Escola de Música da UFRJ, antigo Instituto Nacional de Música, foi aluna do professor Guilherme Fontainha durante a Graduação e Pós-Graduação, e paralelamente, fez o curso de Canto Orfeônico e posteriormente Especialização em Piano. Professora aposentada, atuou por longo período em diversas funções na Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES).

Isa Boechat

Concluiu o Curso Técnico pelo Conservatório Brasileiro de Música (CBM) do Rio de Janeiro. Formada no Bacharelado em Piano pela antiga EMES, onde atuou como professora de Piano e atualmente como professora de Música de Câmara. Coursou aperfeiçoamento em Piano na Academia Lorenzo Fernandez (RJ), e na Faculdade de Artes Santa Marcelina (SP).

Mirna Azevedo

Coursou o Bacharelado em Piano na UFMG, na classe da professora Celina Szrvinsk, vivenciou em sua formação o ensino individual e coletivo de piano durante a Graduação. Especialista em Pedagogia do Piano pelo Conservatório Brasileiro de Música (CBM/CEU-RJ) e Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da UFES. Atualmente, é professora na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), onde ministra aulas coletivas de piano no curso de Licenciatura em Música.

Nelson Gonçalves Pereira Filho

Em 1980, a convite da professora Terezinha Dora, ministrou um curso de Violão Erudito na UFES. Dois anos depois foi convidado para estruturar um curso de Violão Clássico em Teresina, no Piauí. Concluiu o Bacharelado em Violão e Licenciatura em Música no Conservatório Brasileiro de Música do Rio de Janeiro, em 1988. Teve em sua formação o ensino individual e coletivo, e adota, em suas práticas pedagógicas essas duas modalidades de ensino.

No ensino individual, alguns vestígios da tendência tecnicista são identificados: ênfase na técnica, “[...] o repertório de uma escola é muito extenso, ele vai pegar todos os problemas: oitavas, terças, acordes, escalinhas, ‘escalonas’[...]”. A preocupação com o virtuosismo e o cumprimento do programa são outros traços encontrados, “[...] alunos que precisavam de uma técnica especial, havia alunos muito fracos” (Anny Coutinho, informação

verbal¹). A ênfase na técnica tinha por objetivo o desenvolvimento musical com vistas à performance. No contato inicial com seus alunos, a professora Isa Boechat procurava conhecer os “[...] gostos, suas rotinas, suas famílias, suas preferências musicais e tantas outras questões que envolvem um relacionamento” (Informação verbal²). Esta avaliação diagnóstica da professora Isa indica uma flexibilidade na adequação do currículo ao considerar as preferências musicais de seus alunos.

A permanência do aluno com o mesmo professor por vários anos é uma característica comum e muito presente nas Escolas de Música e nos Conservatórios. As aulas individuais favorecem uma proximidade entre aluno e professor.

De acordo com Glaser e Fonterrada (2007, p. 32), os músicos que tocam instrumento de sopro ou de cordas desde o início de sua formação são preparados para tocarem em grupo, gerando o efeito dionisíaco, que se identifica com a unidade coletiva. Tal prática contribui para a formação de diferentes grupos musicais. Para Travassos (1999, p. 134), “[...] a limitação é ainda mais severa para os pianistas, que não contam com a alternativa da profissionalização em orquestras”.

Este pensamento aponta uma possibilidade diferente para as aulas de piano, defendendo o ensino coletivo e indicando a sua inserção na formação do educador musical, enquanto metodologia de ensino. Mirna Azevedo (Informação verbal³) entende que esta modalidade de ensino parece estar mais alinhada “[...] com as premissas da educação musical atual [...]” e considera “[...] haver muitas vantagens nessa metodologia de ensino, pois o aluno é incentivado a pensar de forma independente e a solucionar problemas”. Acredita que a prática coletiva possibilita a compreensão de diversas questões “[...] a partir da observação e diálogo com seus colegas, dando-lhes oportunidade de explorar soluções alternativas com o trabalho em equipe”. Contudo, ressalta a importância do ensino individual “[...] no processo de aprendizagem do instrumento. Acredito que o ensino coletivo de piano é possível mesmo num contexto que visa a performance, mas somente no início, no primeiro ou segundo ano”.

¹ Entrevista concedida à autora em 04 set. 2014.

² Entrevista concedida à autora em 11 set. 2014.

³ Entrevista concedida à autora em 21 ago. 2014.

Nas aulas em grupo, a professora Mirna Azevedo estuda com os alunos inicialmente: “[...] as primeiras peças de repertório eu sempre estudo junto, faço uma análise, eu explico como é que estuda, eu faço junto até tentar entender [...]”, no decorrer do processo e para que seus alunos adquiram autonomia, “[...] mais para o final, eu sempre dou peças de repertório para que eles se virem, vão estudar sozinhos para ver o que eles estão entendendo disso tudo [...]” (Informação verbal⁴).

Mirna Azevedo (Informação verbal⁵) reconhece as vantagens das duas modalidades de ensino que podem ser adotadas nos cursos de Licenciatura e Bacharelado. E acredita que “[...] o ideal seria que o aluno tivesse duas aulas por semana, sendo uma individual e outra coletiva. Dessa forma, acredito que o desenvolvimento técnico e interpretativo do estudante seria muito mais amplo e consistente”.

O professor Nelson Pereira Filho (Informação verbal⁶) tem adotado o ensino individual e em grupo no Bacharelado há dez anos e tem obtido resultados satisfatórios. Identifica dois pontos: “[...] a questão da segurança, para você ministrar aula em grupo é preciso que você tenha um programa em mãos [...]”. Com grupo de cinco alunos e cinco programas, a exigência é individual, então “[...] cada aluno tem que apresentar o seu repertório, não é um formato de master class [...]”. A atenção individual é “[...] para resolver problemas técnicos e particulares de cada um”.

Por outro lado, através das experiências vividas, as professoras Anny e Isa não se sentiram à vontade para trabalhar com o ensino coletivo, não trabalharam e nem trabalhariam com essa modalidade de ensino por não se sentirem preparadas e terem dúvidas ou não se identificarem com este tipo de ensino. “Eu não acertei, eu não acreditava no que estava fazendo naquela época, eu não estudei para ser professora de piano em grupo. Eu não acertei, eu não faço um negócio que eu não tenha certeza que eu não saiba dar” (Anny Coutinho, informação verbal⁷). E, a professora Isa Boechat (Informação verbal⁸) relatou: “[...] não trabalhei e não trabalharia, de jeito nenhum [...], acho que dá certo sim,

⁴ Entrevista concedida à autora em 21 ago. 2014.

⁵ Entrevista concedida à autora em 21 ago. 2014.

⁶ Entrevista concedida à autora em 26 ago. 2014.

⁷ Entrevista concedida à autora em 04 set. 2014.

⁸ Entrevista concedida à autora em 11 set. 2014.

pode ser vantajoso, eficiente, possível, dá excelentes resultados”. As dificuldades encontradas se referem aos diversos níveis no mesmo grupo, ter ou não o instrumento para estudar em casa e o interesse e desenvolvimento de cada um.

Considerações finais

Embora não tenham adotado o ensino coletivo de piano, as professoras Isa e Anny reconhecem que esta modalidade de ensino pode ser adequada em determinados contextos de educação e no estágio inicial do aprendizado de instrumento ou para alunos que estejam no mesmo nível. Em pesquisas realizadas com professores que são referência na área de ensino coletivo, a pesquisadora e professora Flávia Maria Cruvinel (2003) pôde constatar que ainda existem certas resistências no campo do ensino coletivo, uma vez que alguns professores desconhecem, temem e não acreditam na eficácia dessa prática.

Atualmente, percebe-se que alguns professores são favoráveis ao ensino em grupo ou coletivo de piano, tanto nos cursos de Bacharelado quanto nos cursos de Licenciatura em Música.

Os procedimentos metodológicos e os objetivos dos dois cursos são diferentes, e o professor deve estar atento à sua postura e aos objetivos da aula. Tourinho (2003) destaca que o estudo em grupo oferece outros referenciais que não o modelo de seu professor e se aprende também vendo e ouvindo os colegas, sem priorizar a técnica e o repertório baseado na tradição.

Professores e pesquisadores, que defendem o ensino coletivo de instrumento como prática motivadora e possível para diversas formações e contextos acreditam que esta modalidade de ensino pode ser útil, adequada e bem sucedida, desde que os objetivos e as propostas estejam claros e que a meta a ser alcançada esteja bem determinada. A desvantagem apontada pelos entrevistados é que não é dada muita atenção a cada aluno, o que pode ser solucionado através da realização de eventuais encontros individuais.

O que se constata é que os desafios são encontrados nas aulas individuais e em grupo, e cabe ao professor descobrir e pesquisar estratégias de ensino adequadas aos perfis do aluno ou do grupo. Os professores entrevistados consideram que sempre haverá espaço para a alta performance, não no sentido de privilegiar esse ou aquele aluno, mas dar condições para aquele que deseja seguir este caminho tenha condições adequadas para tal.

Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CRUVINEL, Flávia Maria. **Efeitos do ensino coletivo na iniciação instrumental de cordas**: a educação musical como meio de transformação social. 2003. V. 1. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade de Goiás. Goiânia, 2003.

GLASER, Scheilla; FONTERRADA, Marisa. Músico-Professor: uma questão complexa. **Música Hódie**, Goiânia, v. 7, n. 1, p. 27- 49, mar. 2007.

NIETZSCHE, Friederich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCARAMBONE, Denise Cristina Fernandes. **O pensamento do professor de piano sobre sua atuação doente**: dois estudos de caso. 2009. 122 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOURINHO, Cristina. Ensino coletivo de instrumentos musicais: crenças, mitos, princípios e um pouco de história. In: CONGRESSO ANUAL DA ABEM, 16., 2007, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande, MS: ISME, 2007.

TRAVASSOS, Elizabeth. Redesenhando as fronteiras do gosto: estudantes de música e diversidade musical. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 5, n. 11, p. 119-144, 1999.